

BARBARUS AD PORTAS: HOMILÉTICA E CATEQUESE NA PINTURA DOS NÁRTEXES DE ALGUMAS IGREJAS E CAPELAS BARROCAS E ROCOCÓS DE MINAS GERAIS

Pedro Queiroz Leite¹

1. INTRODUÇÃO

Muito além de ser uma espécie de vestíbulo, ou um mero espaço restante sob o coro, entre a porta principal do templo e sua nave, ou entre o batistério e a escada da torre sineira de igrejas e capelas, o nártex desempenhou um importante papel na formação das consciências religiosas em Minas Gerais entre os séculos XVIII e XIX.

Tendo sua origem nas igrejas e basílicas paleocristãs, como um local intermediário entre o exterior e o interior, o nártex destinava-se a abrigar os penitentes, catecúmenos, pecadores e loucos – privados da Eucaristia e, portanto, do pleno gozo da Missa – como também as mulheres, quando estas ainda não eram admitidas no templo.

Porém, quanto a este caráter semiexcludente, e que pode, ao mesmo tempo, ser também compreendido como semi-inclusivo, ele manifestou-se ainda, acreditamos, em diversas igrejas e capelas mineiras do Barroco e do Rococó, como se pode verificar pelo tema das pinturas de diversos forros de nártexes encontradas em Ouro Preto (São Francisco de Assis e Matriz de Cachoeira do Campo), Mariana (Capela do Rosário de Santa Rita Durão), Santa Bárbara (Matriz de Santo Antônio), Itaverava (Matriz de Santo Antônio) e Prados (Matriz de Nossa Senhora da Conceição).

O tema das pinturas desses nártexes vincula-se a uma função homilética e catequética bastante assinalada na medida em que demarca claramente as distinções entre o fiel e o leigo: nas capelas das Ordens Terceiras, e das Irmandades, a decoração daquele espaço remete a motivos caros à devoção de seus membros, homens adultos na plenitude de seus direitos e deveres cívicos e religiosos; já nas matrizes, há uma preponderância a se enfatizar a necessidade do batismo, a fidelidade à Igreja, a repulsa à heresia, questões mais da ordem, ou que gravitavam ao redor, dos

¹ Instituição de origem: Faculdade Arquidiocesana de Mariana – FAM. Última titulação: Mestre em História Social – Universidade Estadual de Londrina - UEL

catecúmenos ou daqueles alheios à plena confissão, com vistas à sua plena adequação ao *corpus* místico da comunidade.

O presente trabalho, um esboço em vista das pesquisas que ora efetuamos, propõe-se, portanto, a apresentar e analisar as pinturas de alguns nártexes de igrejas e capelas mineiras, barrocas e rococós, conforme as hipóteses ora levantadas, destacando seu caráter propiciatório, ou interditário, aos diversos membros das comunidades mineiras de então, quer catequizados, quer não: “os bárbaros às portas” da Igreja.

2. NÁRTEX OU VESTÍBULO?

Na arquitetura paleocristã, os termos *nártex* – do grego *νάρθηξ* (*nárthēx*) – e *pronaos* – do latim (“diante da nave”) –, vestíbulo e pórtico (assim como, posteriormente, ocorreria com a *galilé* ou o *alpendre*) pareciam designar uma mesma seção de uma igreja, situada junto à porta leste, separada da nave por uma parede baixa ou um painel e destinada aos catecúmenos, possessos e penitentes, visto que estes não eram admitidos junto à congregação durante toda a cerimônia da missa, segundo MORONI (1851: v. 52, 50), dentre outros. Naqueles primórdios da história cristã, aliás, até mesmo os heréticos e os incrédulos eram ali admitidos. O Concílio de Laodicéia (c.57), casou a estes últimos, bem como aos cismáticos, tal direito. Entretanto, o quarto Concílio de Cartago (c.84) decretou que nenhum bispo poderia proibir qualquer herético ou judeu de participar do primeiro serviço, ou seja, da parte permitida aos catecúmenos: “*Episcopus nullum prohibeat intrare ecclesiam et audire verbum Dei sive hæreticum sive Judæum usque ad missam catechumenorum*”, como transcreve MILMAN (1871: v.3, 315, n.1).

Desde cedo, seu nome parece confundir-se com sua forma ou sua função. COLEMAN (1852: 250), por exemplo, compreende o *νάρθηξ* pela sua versão latina, *ferula* (fêrula), visto que tal dependência do tempo se assemelhava àquele vegetal, em razão de sua forma oblonga ou drômica (“...*from its oblong or dromical shape*”...).

Os nártexes, no Ocidente, foram de dois tipos, um externo e outro interno, que se sucederam no tempo²: o primeiro consistia num átrio aberto, de arcada contínua, ao longo da fachada da igre-

2 No Oriente, foi comum a existência concomitante de um endonártex e de um esonártex, como na igreja de São Salvador, em Chora, Turquia. Apud in VAN MILLIGEN (2010: 225).

ja; o segundo, por sua vez, formado por corredor e galeria, situava-se junto à nave. CRAM (1911), dá como exemplo de nártex externo o que se encontra na Basílica de Santo Ambrósio (379-386), em Milão, e de interno, o da Basílica de Santa Inês Fora do Muro (séc. VII), em Roma. Um interessante e belo caso de nártex externo pode ser verificado, também, no Batistério Laterano (séc. V), em Roma.

O nártex exterior era às vezes utilizado como um local de julgamento e de outras práticas seculares, e, a partir do século VI, também para sepultamentos. Já o nártex interior, por vezes chamado de *matroneum*, foi utilizado por pessoas de certa categoria e distinção, e menos como uma galeria feminina, como seu nome parece indicar.

A partir do abandono do átrio no Ocidente, por volta do ano 1.000, o nártex converteu-se na seção de degraus do pórtico Oeste, tão característico das igrejas do Sul da França. Entretanto seu emprego permaneceu ainda em uso pelas ordens monásticas até o início do século XIII, como nas abadias de Cluny e Vézelay.

Porém, com o pleno desenvolvimento do gótico, o nártex, até onde pudemos verificar, desapareceu, dando lugar às três grandes portadas, ou pórticos, da fachada oeste.

Se, no curso atual de nossas pesquisas, não identificamos ainda o momento exato em que o nártex, ou pórtico, ou vestíbulo, deixou de possuir aquele caráter dúbio entre a inclusão e a exclusão de prosélitos, de acordo com seus direitos e deveres, pudemos, por outro lado, verificar que tanto Durandus, em seu célebre tratado escrito em 1286, *Rationale divinatorum officiorum* (DURAND, 1854), quanto São Carlos Borromeo, em suas *Instructionum fabricae et Suppellectilis ecclesiasticae*, de 1577 (BORROMEIO, 1985) referem-se àquela dependência da igreja chamando-a de *vestíbulo*, e não trazem referência sobre quem podia ou não frequentá-lo.

Da mesma maneira, CRAM (1911: Qv. Bibl.), de quem recolhemos as notas históricas anteriores, enfatiza que, “propriamente falando, o nome deveria ter sido abolido juntamente com a função, que se extinguiu, e o assim chamado nártex das igrejas medievais e abadias deveria justamente ser nomeado como pórtico”. E acrescenta: “Pela mesma razão, não há desculpas para a recente restauração da palavra para designar um pórtico exterior ou um vestíbulo interior”.

3. A DECORAÇÃO DAS MATRIZES

Observam-se, nas pinturas dos nártexes, ou vestíbulos, das igrejas matrizes mineiras, temas claramente referentes à queda do Homem, à necessidade do Batismo, à afirmação de que a Fé não se cumpre sem a frequência à Igreja e até mesmo exortações à presença da mulher às celebrações. Assuntos que, à primeira vista, parecem desconexos, mas não o são na medida em que todos eles afirmam a natureza pecadora do homem e da mulher, a redenção pelo batismo e pela observância dos preceitos ditados pela Igreja, redenção possível também às mulheres, pecadoras por excelência, desde Eva, mas que poderiam ser sábias, como tantos outros exemplos do Antigo Testamento revelam.

Para a queda do Homem e sua expulsão do Paraíso são muito eloquentes os dois painéis do nártex, ou vestíbulo, da Matriz de Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto. Para o Batismo, a pintura da Matriz de Santa Bárbara (**Imagem 1 e Imagem 2**). Ilustrando a aliança indivisível entre a Fé e a Igreja, como prática e meio salvífico, há o exemplo da Matriz de Itaverava (**Imagem 3**), cópia de uma estampa (**Imagem 4**) de um missal português de grande circulação nas Minas Gerais entre 1781 (data de sua primeira edição) e 1860, do qual já tratamos em outros trabalhos (LEITE, 2008; 2009; 2011). Finalmente, quanto às mulheres sábias, três delas são retratadas no nártex, ou vestíbulo, da Matriz de Prados, MG (**Imagem 5, Imagem 6 e Imagem 7**).

4. A DECORAÇÃO DAS CAPELAS DE ORDENS TERCEIRAS E IRMANDADES

O que se verifica nas capelas das ordens Terceiras e Irmandades, por sua vez, aproxima-se mais de um devocionário caro e próprio àquelas associações, do que a um discurso da Igreja ultramontana: vemos, naqueles nártexes, ou vestíbulos, menos a presença de Roma e mais a da prática religiosa de seus fiéis.

Na capela de Nossa Senhora do Rosário, de Santa Rita Durão, Mariana, MG, temos, por exemplo, uma pintura retratando a *Anunciação* (**Imagem 8**), aludindo claramente à grande dignidade da Senhora ali louvada. Pintura esta que, por sua vez, é também uma cópia de outra estampa (**Imagem 9**) pertencente ao já mencionado Missal.

Já na antiga capela da Ordem Terceira de S. Francisco de Assis de Ouro Preto, encontra-se uma belíssima *vanitas* (**Imagem 10**) pintada por Mestre Ataíde, que enfatiza um dos motivos de

reflexão preponderante não só à época, mas ao ideário franciscano: o desapego das coisas mundanas, porque estas são passageiras, e, portanto, deve, não apenas o catecúmeno, mas o irmão professo, primeiro usuário do templo, lembrar-se de que tudo finda, e que a morte é certa (“memento mori”).

5. CONCLUSÃO

Como afirmamos na introdução, esta comunicação trata-se de uma pesquisa ainda em andamento e, em vista das dimensões estipuladas ao presente trabalho, acabamos por ser mais sucintos do que o necessário para a plena exposição do tema.

Em todo caso, temos clara a premência de um estudo maior do papel dos nártexes ou vestíbulos das igrejas ao longo da história, de modo que possamos elucidar o exato momento em que deixa de ser um espaço de interdição, por um lado, ou de integração, por outro, como aqui tratamos.

Da mesma maneira, julgamos fundamental a ampliação de um acervo referencial da decoração dos nártexes ou vestíbulos, nos quais, ainda que paradoxalmente, parecem existir resquícios da antiga separação entre as diferentes pessoas do corpo da Igreja impedindo o acesso pleno a muitas delas (“*barbarus ad portas*”, e não “*in portas*”) e expondo-as ao ideário imagético muito característico.

6. BIBLIOGRAFIA

- BORROMEIO, Carlos. *Instruções de la fábrica y del ajuar eclesiásticos*. Trad. de Bulmarío Reyes Coria. México, DF: Universidad Autónoma de México; Imprenta Universitária, 1985. 219p.
- BOSCHI, Caio. *Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1986. 254p.
- COLEMAN, Lyman. *Ancient Christianity exemplified in the private, domestic, social, and civil life of the primitive Christians, and in the original institutions, offices, ordinances, and rites of the church*. Filadélfia: Lippincot, Grambo & Co, 1853. 668p.
- CRAM, Ralph Adams. “Narthex”. Apud in *The Catholic Encyclopedia*. Vol. 10. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1911. In www.newadvent.org/cathen/10704b.htm. Acessado em 10.08.2012.
- DEL NEGRO, Carlos. *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958. 160 p.: il.

_____. *Nova contribuição ao estudo da pintura mineira: norte de Minas: pintura dos tetos de igrejas*. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1979. 431 p.: il.

DURAND, Guillaume. *Rational ou manuel des divins offices de Guillaume Durand, évêque de Mende au treizième siècle, ou, Raisons mystiques et historiques de la liturgie catholique*, vol. 1. Tradução de Charles Barthélemy. Paris: Louis Vives, 1854. 457 p.

GONÇALVES, Flávio. *História da arte: iconografia e crítica*. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1990. 359 p.:il.

LEITE, Pedro Queiroz. *Em Busca das Fontes: Ataíde e os livros estampados dos séculos XVIII e XIX*. In: *Anais do IV Encontro de História da Arte*. Campinas: Unicamp, 2008.

_____. *Imagem Peregrina: a sobrevivência de uma estampa entre fins do século XVIII e meados do XIX*. In: *Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina: UEL, 2009.

_____. *O Missal da Regia Officina Typographica e seu legado na pintura rococó mineira: uma refutação à influência de Bartolozzi*. In *Anais do VII Encontro de História da Arte*. Campinas: Unicamp, 2011.

MILMAN, Henry Hart. *The history of Christianity: from the birth of Christ to the Abolition of Paganism in the Roman Empire*. Vol. 3. Nova Iorque: W. J. Widdleton, 1871. 485 p.

MORONI, Gaetano. *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da S. Pietro sino ai nostri giorni*. vol. 52. Veneza: Tipografia Emiliana, 1851. 316 p.

RIPA, Cesare. *Baroque and rococo pictorial imagery: the 1758-60 Hertel edition of Ripa's Iconologia*. Trad. e com. Edward A. Maser. Nova Iorque: Dover, s.d. 430 p.: il.

_____. *Iconologia*. Trad. Juan Barja e Yago Barja. 2ª ed. Madri: Akal, 1996. 1055p.: il.

SALDANHA, Nuno. *Artistas, imagens e ideias na pintura do século XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995. 285p.: il.

VAN MILLINGEN, Alexander. *Byzantine Churches In Constantinople: illustrated edition*. Fairford: The Echo Lybrary, 2010. 319 p.

IMAGENS



Imagem 1. Séc. XVIII. João Batista de Figueiredo. *Batismo de Cristo*. Ó.s.m. Forro do vestibulo, ou nártex, da Matriz de Santo Antônio. Santa Bárbara, MG.



Imagem 2. Séc. XVIII. João Batista de Figueiredo. *Batismo de Cristo (Detalhe)*. Ó.s.m. Forro do vestibulo, ou nártex, da Matriz de Santo Antônio. Santa Bárbara, MG.



Imagem 3. Séc. XIX (primeiro quartel). Artista ainda não identificado. *Alegoria da Fé e da Igreja*. Ó.s.m. Forro do nártex, ou vestibulo, da Igreja Matriz de Santo Antônio de Itaverava, MG.

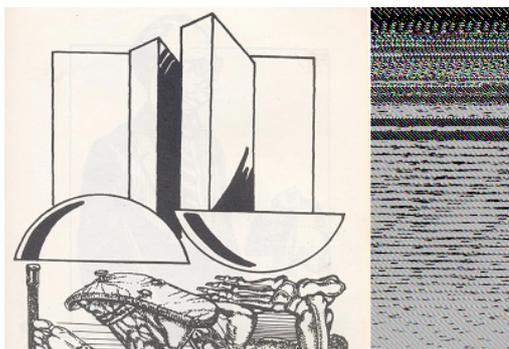


Imagem 4. 1781. Joaquim Carneiro da Silva. *Alegoria da Fé e da Igreja*. Estampa. Folha de rosto (Detalhe) do *Missale Romanum*. Lisboa: Regia Officina Typographica.



Imagem 5. Séc. XVIII. Artista ainda não identificado. *Mulher sábia: Judite*. Ó.s.m.. Forro do nártex, ou vestibulo, da Igreja Matriz de Prados, MG.



Imagem 6. Séc. XVIII. Artista ainda não identificado. *Mulher sábia: Sara*. Ó.s.m.. Forro do nártex, ou vestibulo, da Igreja Matriz de Prados, MG.



Imagem 7. Séc. XVIII. Artista ainda não identificado. *Mulher sábia: Ester (?)*. Ó.s.m.. Forro do nártex, ou vestibulo, da Igreja Matriz de Prados, MG.



Imagem 8. 1792. João Batista de Figueiredo. *Anunciação*. Ó.s.t. Forro do nártex, ou vestíbulo, da Capela da Irmandade do Rosário de Santa Rita Durão, distrito de Mariana, MG.



Imagem 9. 1781. Nicolau José Batista Cordeiro. *Anunciação*. Estampa. *Missale Romanum*. Lisboa: Regia Officina Typographica.



Imagem 10. Primeiro quartel do séc. XIX. Manuel da Costa Ataíde. *Vanitas*. T.s.m. Forro do nártex, ou vestíbulo da Igreja de São Francisco de Assis. Ouro Preto, MG.